AFRICANIDADE

SILVANA AVELINA DA CRUZ PEREIRA

RESUMO

Africanidade" é um termo que abrange a diversidade cultural, histórica e social dos povos africanos e da diáspora africana. Refere-se à identidade, às experiências e à herança compartilhada por aqueles com raízes na África ou descendentes de africanos em todo o mundo. Africanidade não é uma categoria homogênea, mas sim um mosaico de culturas, línguas, tradições e experiências que variam significativamente de região para região e ao longo do tempo. Ela é moldada por fatores como geografia, história colonial, migração, política, religião e muitos outros. É importante reconhecer e celebrar a riqueza da africanidade, ao mesmo tempo em que se reconhece e se confronta os desafios que muitas comunidades africanas e afrodescendentes enfrentam, como a discriminação, a marginalização e as disparidades socioeconômicas. Isso envolve promover a igualdade de oportunidades, o respeito à diversidade e a preservação e valorização das culturas africanas em suas múltiplas manifestações.

Palavras-chave: Africanidade; História; Migração; Política.

INTRODUÇÃO

"Africanidade" é uma palavra que encapsula muito mais do que apenas uma identidade étnica ou racial; ela abraça uma teia complexa de experiências, tradições e valores que conectam as pessoas à sua herança africana. Esta herança pode ser manifestada de várias formas, desde práticas culturais e religiosas até formas de expressão artística e até mesmo na maneira como os indivíduos se relacionam com o mundo ao seu redor.

Ao reconhecer e celebrar a africanidade, estamos reconhecendo a resiliência e a criatividade das comunidades africanas e afrodescendentes, que persistiram e prosperaram apesar das adversidades históricas e contemporâneas. Essa celebração é um ato de afirmação e orgulho, uma rejeição das narrativas negativas que historicamente desvalorizaram e marginalizaram as contribuições das pessoas de ascendência africana.

Além disso, reconhecer a africanidade é fundamental para a construção de sociedades mais justas e inclusivas. Isso envolve não apenas reconhecer as desigualdades e injustiças enfrentadas pelas comunidades africanas e afrodescendentes, mas também trabalhar ativamente para corrigir essas injustiças e criar oportunidades equitativas para todos.

Ao promover a africanidade, estamos fortalecendo laços de solidariedade e compreensão entre diferentes comunidades e culturas. Estamos reconhecendo que, apesar das diferenças superficiais, todos compartilhamos uma humanidade comum e uma história entrelaçada.

Além disso, celebrar a africanidade é uma forma de resistência contra o racismo e o preconceito. É um ato de afirmar a dignidade e o valor intrínseco de todas as pessoas, independentemente de sua origem étnica ou racial. É uma rejeição das narrativas que tentam diminuir ou negar a contribuição e a humanidade das pessoas de ascendência africana.

É importante destacar que a africanidade não é estática ou monolítica; ela é dinâmica e fluida, refletindo as muitas maneiras pelas quais as pessoas de ascendência africana se adaptaram e evoluíram ao longo do tempo e em diferentes contextos. Portanto, celebrar a africanidade também significa reconhecer e valorizar essa diversidade e complexidade.

Em resumo, reconhecer e celebrar a africanidade é um ato de justiça, empoderamento e solidariedade. É uma afirmação da beleza e da riqueza da diversidade humana e um compromisso com a construção de um mundo mais justo, inclusivo e compassivo para todos.

O curso “povos Indígenas e suas representações em filmes e publicidade: aguçando o olhar” propõe a reflexão sobre as representações das populações indígenas nos filmes e publicidades instrumentalizando o/a docente nas escolhas de material audiovisual relacionado ao tema. No cinema brasileiro, os indígenas sempre foram representados de forma preconceituosa: como bárbaros ou como ingênuos, até mesmo no tempo do cinema

mudo. As mulheres indígenas são mostradas com uma sensualidade deslocada de sua cultura, de forma moralista. Os cinejornais são um exemplo disso, valorizando todas as ações "civilizatórias" dos militares que marcaram presença nas terras indígenas e dos religiosos que os vestiram e os catequizaram. Não é difícil entender o porquê dessa visão. Em que momento histórico esses filmes foram produzidos e quem os produzia? É interessante contextualizar historicamente as linguagens artísticas, porque elas expressam o debate de um certo período. com isso, a proposta se justifica pela necessidade de efetivação da lei 11.645/2008 e por contribuir para o processo de continuidade de implementação currículo da cidade: orientações pedagógicas: povos indígenas. tendo em vista que o objetivo tanto da lei quanto dos documentos produzidos pela rmesp é ampliar e qualificar o ensino sobre o tema e subsidiar os docentes para a escolha de bons materiais audiovisuais. o curso se justifica ainda pela necessidade de refletir sobre o tema, aprimorar e estimular o trabalho sobre histórias e culturas indígenas, tendo em vista a valorização dos diversos grupos que aqui vivem e o combate ao racismo existente na nossa sociedade, conforme as premissas do currículo da cidade de São Paulo. Parte do movimento literário romântico do Século XIX é chamada de indianista, pois coloca o índio como símbolo, como ancestral comum do povo brasileiro. Neste artigo veremos sobre a figura Indígena no cinema e no Currículo da educação.

DESENVOLVIMENTO

Continuando a reflexão sobre a importância de reconhecer e celebrar a africanidade, é fundamental destacar que a diversidade cultural e histórica do continente africano é vasta e profundamente enriquecedora. Desde as antigas civilizações do Egito e da Etiópia até as diversas sociedades e etnias contemporâneas, a África é um tesouro de conhecimento, arte, música, dança, culinária e muito mais.
Além disso, a diáspora africana espalhou essa riqueza cultural por todo o mundo, contribuindo significativamente para a diversidade global. Por exemplo, a influência da música africana pode ser encontrada em gêneros musicais como o jazz, o blues, o reggae, o hip-hop e muitos outros. Da mesma forma, a culinária africana deixou sua marca em inúmeras cozinhas ao redor do globo.
No entanto, mesmo com toda essa contribuição cultural, as comunidades africanas e afrodescendentes muitas vezes enfrentam obstáculos significativos. A discriminação racial, a exclusão social, a falta de acesso a serviços básicos como saúde e educação, e as disparidades econômicas continuam a ser desafios persistentes em muitas partes do mundo.
Portanto, promover a igualdade de oportunidades e o respeito à diversidade é essencial para enfrentar esses problemas de frente. Isso significa não apenas combater ativamente a discriminação e a marginalização, mas também criar políticas e programas que promovam a inclusão, a justiça social e o empoderamento das comunidades africanas e afrodescendentes.
Além disso, é crucial preservar e valorizar as culturas africanas em suas múltiplas manifestações. Isso envolve não apenas reconhecer e respeitar as tradições culturais existentes, mas também apoiar ativamente a revitalização e a promoção dessas culturas, garantindo que elas continuem a prosperar e a ser transmitidas às gerações futuras.
A educação desempenha um papel fundamental nesse processo, pois é por meio dela que podemos desafiar estereótipos, desconstruir preconceitos e promover uma compreensão mais profunda e respeitosa da diversidade cultural e da história africana e afrodescendente.
Além disso, o fortalecimento das comunidades africanas e afrodescendentes requer o reconhecimento e o apoio às suas lutas por justiça e igualdade. Isso inclui o envolvimento ativo na defesa dos direitos humanos, a promoção da representatividade política e o apoio a iniciativas que visam enfrentar as causas subjacentes da discriminação e da marginalização.
Em resumo, reconhecer e celebrar a africanidade não é apenas uma questão de justiça e equidade, mas também uma fonte de enriquecimento cultural e social para toda a humanidade. Ao promover a igualdade de oportunidades, o respeito à diversidade e a preservação e valorização das culturas africanas, podemos construir um mundo mais justo, inclusivo e vibrante para todos.O impulso pela democratização e afirmação dos direitos

humanos na sociedade brasileira atinge fortemente muitas das nossas instituições estatais, atreladas a projetos de estado-nação comprometidos com a anulação das diferenças culturais de grupos subordinados. Neste contexto, as diferenças culturais dos povos indígenas, dos afro-descendentes e de outros povos portadores de identidades específicas foram sistematicamente negadas, compreendidas pelo crivo da inferioridade e, desse modo, fadadas à assimilação pela matriz dominante. O filme é uma importante ferramenta que pode auxiliar no cotidiano escolar, tanto aos estudantes quanto dos professores. A imagem povos indígenas na mídia é carregada, ainda, de olhar etnocêntrico, marcada pela desvalorização e apresentada de forma distorcida, contribuindo para o fortalecimento dos preconceitos contra os povos originários. a publicidade se apresenta como um dos espaços de grande influência no imaginário coletivo nacional. Dessa forma, impõe um conjunto de pontos de vista, amplificando ou simplificando o real de modo a criar uma visão de mundo que possa ser facilmente compreendida pelos espaços educativos e estes parâmetros não estão caracterizados para formação de professores. A implementação da lei 11645/2008 que torna obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e indígena no ensino fundamental e médio tanto em escolas públicas como privadas, vem com o intuito de mostrar a importância que esses povos tiveram na formação do nosso país, resgatando e valorizando suas contribuições nas áreas social, econômica e política na constituição do Brasil. Historicamente, o modo como os povos indígenas são representados, nos meios de comunicação em geral, aponta para um repertório de imagens estereotipadas, que tendem a reduzir e simplificar as crenças e os modos de vida desses povos. Essas imagens são desenvolvidas a partir de uma perspectiva eurocêntrica, que tem como referência a cultura e as crenças do ocidente, atribuindo à esta “um sentido quase providencial de destino histórico.

Dentre os estudos abordados no ensino básico, inseridos na vida dos discentes, é possível afirmar que todas tem grande peso e valia no crescimento intelectual dos alunos, mas nesse estudo o foco vai para a matéria “história”. Essa matéria tema responsabilidade de contar aos alunos aquilo que eles não presenciaram, mas que norteou a vida para que estejam vivendo o atual cenário.

Sabe-se que no estudo dessa matéria no ensino básico muito se ouve sobre o descobrimento do Brasil, colônia, índios, colonização e outros assuntos interessantes, entretanto não havia uma abordagem direta e assertiva sobre cultura afro-brasileira e sobre tempos de escravidão, racismo, preconceito e etc. Essa realidade já não mais existe, mas foi presente no desenvolvimento de muitos alunos por anos e anos, sem abordar detalhes importantes para compreensão e história de seu povo. Isso se dá pela necessidade e obrigatoriedade de elucidar o aluno sobre suas origens, identidade, valores, crenças permitindo o acesso à história, sempre buscando respeitar a diversidade, que cada história traz consigo valorizando, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas as social, econômica e políticas pertinentes à Histórica do Brasil.

A Presença Indígena na Formação do Brasil, de João Pacheco de Oliveira e Carlos Augusto da Rocha Freire, não se propõe a ser um manual didático para se estudar a história do Brasil, muito menos a dos diversos Brasis Indígenas. Trata-se, isto sim, de apresentar novas chaves de leitura que permitam desfazer o conjunto de lugares-comuns que continua a ser inculcado pelo sistema de educação em nosso país, e que contribui quer para destituir de contemporaneidade as populações nativas das Américas que o habitam, quer para negar-lhes o reconhecimento dos direitos condizentes com a autoctonia. A inserção do conteúdo histórico da nova necessidade do ensino básico tem como diretriz o estudo da história dos quilombos, história da África, entre outros tema que podem ser discutido aqui. Diversos autores tem analisado essa inserção e Bernard (2005) fala sobre a importância de uma direção que induza a criação de projetos focados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros, empenhados com a educação racial positiva. Moreira (2000) e Silva (1999) já demonstravam preocupação com essas questões e analisavam o currículo escolar, observando a fragilidade em construir uma manutenção na desigualdade social.

As diretrizes curriculares defendem a ideia de que a escola é a principal responsável por

destruir a referência de que afrodescendentes é o mesmo que referência de escravos, que os seus antepassados todos foram escravos, dominados ou algo pejorativo, quando na verdade Passos (2002) cita que o racismo está atualmente sendo levado às escolas por grande parte dos autores fundamentada no seu caráter ideológico, ou seja, a imputação das características negativas reais ou supostas a um determinado grupo social.

As produções indígenas mais comuns à maioria das etnias brasileiras são: cerâmica, pintura corporal, máscaras, cestaria e arte plumária. Objetos decorativos e utilitários, adornos, acessórios, armas e instrumentos musicais também fazem parte da arte produzida pelos povos indígenas.

A liberdade das escolas de ensino básico para construir os projetos pedagógicos, no cumprimento do exigido no artigo de Lei citado acima é fator crucial nesse processo. Essa autonomia permite que se valham da colaboração das comunidades a que a escola serve, de atividades que incluam entretenimento, do Movimento Negro, grupos de pessoas que queiram compartilhar suas histórias e experiências, de grupos de capoeira ou congada, entre tantas outras formas de cumprir a Lei e compartilhar a história sem necessariamente uma especialização. Mas com professores e pessoas que tenham sensibilidade, que respeite o outro como ser humano, independente da sua classe, raça, cor, ou algo que determine em que posição a criança ou adolescente se enquadra.

No Brasil, esta cultura se manifesta principalmente através da cerâmica, das máscaras e das pinturas corporais, embora também seja visível através da tecelagem, da música, da dança e da própria mitologia. São vários os desenhos e símbolos usados por cada etnia, assim como os tipos de arte praticados.

Entre os povos indígenas, a criação artística está em toda a parte: na pintura corporal, na construção das casas, nas performances musicais, nos objetos usados para comer e guardar coisas. Não existe separação entre a arte e as outras esferas da vida, como é no mundo não indígena. Ela está em todos os lugares.

A cultura indígena possui importância fundamental na construção da identidade nacional brasileira. Ela está presente em elementos da dança, festas populares, culinária e, principalmente, na língua portuguesa falada no Brasil, que é fruto do processo de aculturação entre povos indígenas, negros e europeus.

Dessa forma o cinema, que desde seu surgimento em 1910 aborda temáticas indígenas, vem contribuído para tal representação. Stam (2008) apresenta uma sistematização dessa reconfiguração de como os povos indígenas foram representados em cada período do cinema brasileiro. Assim, segundo o autor temos, durante o cinema mudo, o indígena idealizado do romanismo. Na década de 1920, o indígena objetificado dos documentários positivistas. Na década de 1950, o indígena é apresentado de forma cômica. Até então, temos filmes que expressavam uma visão mais alinhada ao eurocentrismo colonialista. As linguagens artísticas utilizadas pelos indígenas são: pintura corporal, cerâmica, uso de máscaras, uso de plumas e confecção de cestas e utensílios. Arte é uma atividade humana que se relaciona às manifestações estéticas, realizadas por artistas ao usar suas emoções, ideias e percepções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Currículo da Cidade foi organizado em três Ciclos (Alfabetização, Interdisciplinar e Autoral) e apresenta uma Matriz de Saberes, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os Eixos Estruturantes, os Objetos de Conhecimento e os Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento de cada Componente Curricular.A arte indígena, através de diferentes caminhos, olhares e diálogos, proporcionam experiências significativas e oportunidades para que a criança se aproprie crítica e construtivamente do mundo que a rodeia

Quando o aluno desenvolve atividades que o aproxime da diversidade cultural, ele compreende que faz parte de um “quebra-cabeça” gigante que só se completa quando todos compreendem a valorização de cada um na história, sendo que uma “peça” fora deixa um vazio e não permite que a imagem seja construída, para isso é imprescindível que o docente inclua os discentes nesse tipo de ação para possibilitar ao aluno compreender-se enquanto sujeito ativo, com capacidade de transformar o seu cotidiano. Trazendo a cultura para o cenário escolar básico, a escola precisa desenvolver meios que as culturas

sejam inseridas de modo que todos possam compreendê-la e de alguma maneira identificar qual o peso dela na sua "vida cotidiana". Mas na pratica a questão cultural tem aumentado a discussão sobre o tema devido à separação que tem se espalhado entre valorização e avaliação, com isso, as escolas tem recuado no momento de realizar manifestações culturais dentro da mesma.

Diante disso, considerando a população negra no Brasil como um exemplo alguns estereótipos são intitulados a eles sendo parte da cultura afro-brasileira, como o fato de serem considerado incapaz, preguiçoso e com habilidades apenas para trabalhos braçais. Felizmente não é esse o cenário que observamos atualmente, apesar de ainda existir essa situação há um contraste sobre ele de modo que tem sim negros cultos, com profissões valorizadas socialmente, sabe aonde quer chegar e não precisa ser somente através do trabalho braçal.

Desse modo a palavra cultura neste estudo vem com a intenção de abordar detalhes e características de determinado grupo, nesse caso os afro-brasileiros, destacando um pouco mais sobre essas pessoas que representam uma força e uma resistência magnífica do povo brasileiro. Aprofundar a reflexão sobre a importância de reconhecer e celebrar a africanidade nos leva a um reconhecimento mais amplo e profundo das contribuições históricas e culturais que o continente africano oferece ao mundo. A África é o berço da humanidade, onde as mais antigas evidências arqueológicas de nossos ancestrais foram encontradas. Ao longo dos séculos, diversas civilizações floresceram em toda a extensão do continente, deixando um legado impressionante de inovação e realização.

Por exemplo, as antigas civilizações do Egito, como os faraós do Antigo Império, construíram monumentos grandiosos como as pirâmides de Gizé, que continuam a intrigar e inspirar as pessoas até os dias de hoje. Além disso, o Egito antigo foi um centro de aprendizado e desenvolvimento intelectual, com avanços notáveis nas áreas da matemática, arquitetura, medicina e filosofia.

Da mesma forma, a Etiópia é uma terra rica em história e cultura, sendo uma das nações mais antigas do mundo. A cidade de Axum foi um importante centro de comércio e poder político na Antiguidade, enquanto o cristianismo ortodoxo etíope tem uma história que remonta aos primeiros séculos da era cristã. No entanto, a história africana vai muito além das antigas civilizações mais conhecidas. O continente abriga uma miríade de sociedades e etnias diversas, cada uma com suas próprias tradições, línguas e formas de expressão cultural. Da música pulsante das regiões da África Ocidental ao rico folclore das comunidades da África Central e às pinturas rupestres dos povos do sul da África, a diversidade cultural africana é verdadeiramente impressionante. Além disso, a diáspora africana espalhou essa riqueza cultural por todo o mundo, deixando uma marca indelével em muitos aspectos da vida global. A música, a dança, a culinária e as tradições espirituais dos africanos e de seus descendentes podem ser encontradas em todos os continentes, influenciando e enriquecendo as culturas locais.

Celebrar a africanidade, portanto, não se trata apenas de reconhecer o passado glorioso do continente ou as contribuições culturais das comunidades africanas e afrodescendentes, mas também de reconhecer e valorizar a diversidade e a vitalidade das culturas africanas em toda a sua complexidade e riqueza.

Ao fazê-lo, podemos não apenas promover a inclusão e o respeito pela diversidade, mas também enriquecer nossas próprias vidas ao nos abrirmos para novas perspectivas, experiências e formas de expressão cultural. A africanidade não é apenas uma parte importante da história e da identidade da África, mas também uma fonte de inspiração e renovação para toda a humanidade.

REFERÊNCIAS

BARROS, F. L. de S. Desafios e possibilidades do ensino da cultura afro-brasileira no espaço escolar: o uso da pasta de texto. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Pedagogia. Departamento de Educação, Campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador-BA,2010.

BERNARD, François. "Por uma redefinição do conceito de diversidade cultural". In: Brant, Leonardo. Diversidade Cultural. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes. Secretaria de Educação Fundamental. 2. Ed. RJ: DP&A, 2000.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, DF, 2017.